

entrevista

AGUSTÍN LAGE DÁVILA

*Diretor do Centro de Imunologia Molecular do Ministério de
Saúde Pública de Cuba*

Juntos, teremos mais



“O objetivo da parceria entre Brasil e Cuba é reduzir a taxa de mortalidade por câncer, em escala populacional, nos dois países”

Dedicado à pesquisa sobre o câncer desde 1972, o oncologista Agustín Lage Dávila, diretor de Centro de Imunologia Molecular do Ministério de Saúde Pública de Cuba, tem trabalhado ininterruptamente para garantir aos pacientes melhor qualidade de vida. E por mais tempo. A principal preocupação do médico é tornar os produtos biotecnológicos produzidos pela ciência, ou seja, as drogas antitumorais administradas no tratamento, acessíveis a todos. “É preciso que os avanços científicos cheguem a todas as pessoas que enfrentam a doença. E isso requer capacidades produtivas que Brasil e Cuba possuem. Juntos, teremos muito mais”, resume Agustín Lage.

O médico está à frente do acordo de cooperação internacional firmado em fevereiro entre o Instituto Nacional de Câncer (INCA), no Brasil, e o Centro de Imunologia Molecular do Ministério de Saúde Pública de Cuba. A iniciativa coloca a oncologia como prioridade da colaboração entre os dois países. Outra experiência de sucesso foi a colaboração com a Fundação Oswaldo Cruz (Fio-cruz) para aplicação da vacina contra meningite bacteriana na África.

Em julho, o Seminário Técnico-Científico Brasil-Cuba de Biotecnologia, organizado pela Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos do Ministério da Saúde, discutiu projetos de pesquisa clínica com foco no desenvolvimento e utilização de biofármacos de alta tecnologia. Lage adianta que a parceria com o INCA trabalha em duas frentes complementares: o ensaio clínico para desenvolvimento de um novo produto para o tratamento do câncer e estudos epidemiológicos sobre oncologia que favoreçam as ações de prevenção e controle da doença.

O investimento em acordos além das fronteiras rendeu a Agustín Lage, este ano, o Prêmio de Cooperação Internacional em Ciência e Tecnologia, concedido pelo governo chinês a sete pesquisadores estrangeiros. O trabalho premiado aponta a eficácia de uma nova droga – o anticorpo monoclonal humano chamado Nimotuzumab – para

o tratamento de cânceres de cabeça e pescoço. Atualmente, milhares de pacientes chineses são beneficiados pelo medicamento.

No Brasil, o produto já vem sendo utilizado experimentalmente para o tratamento de câncer de cabeça, pescoço e esôfago. Ao longo desses 38 anos de trabalho, o oncologista tem sido desafiado pelas elevadas estatísticas de seu país: são 30 mil novos casos de câncer e 20 mil óbitos por ano.

REDE CÂNCER – O sistema de saúde cubano é reconhecido em todo o mundo como um exemplo de sucesso. Quais as estratégias do país para o controle do câncer?

AGUSTÍN LAGE DÁVILA – O que percebemos é que o controle do câncer é uma tarefa de toda a sociedade, não somente do sistema de saúde. Para enfrentar esse desafio, é preciso uma estratégia explícita, um esquema claro de prioridades e a integração de diferentes setores sociais. Os resultados são fruto da combinação simultânea de muitos componentes de intervenção sanitária e só começam a aparecer a médio prazo. É preciso muita organização e persistência para que as taxas de mortalidade comecem a ser reduzidas. Em Cuba, a Unidade Nacional para o Controle do Câncer, subordinada ao Ministério de Saúde Pública, coordena o Programa Integral de Controle do Câncer e as instituições de biotecnologia que participam dele. Esse programa estabelece objetivos, procedimentos de trabalho e supervisiona indicadores epidemiológicos. Entre as conquistas relevantes obtidas em Cuba, posso destacar a redução do hábito de fumar e o aumento da cobertura do diagnóstico precoce de câncer do colo do útero. Também avançamos na padronização das práticas terapêuticas, garantindo melhor controle de qualidade por meio do *Guia de Diagnóstico e Tratamento*; na produção nacional de drogas antitumorais, que ainda é incipiente; e no desenvolvimento de novos biofármacos - medicamentos obtidos a partir de organismos geneticamente modificados - nos centros da indústria biotecnológica cubana.



“Com produtos de biotecnologia, será possível transformar o câncer avançado em doença crônica”

REDE CÂNCER – Quais são as oportunidades de colaboração entre Brasil e Cuba?

AGUSTÍN LAGE DÁVILA – Temos muitas. Podemos implementar um amplo intercâmbio de experiências e ideias entre instituições dos dois países e comparar estratégias e resultados, que poderão ser adaptados às características próprias de cada país. Podemos, enfim, aprender uns com os outros. O primeiro passo para isso é construir canais de comunicação. E é o que estamos fazendo. Também é fundamental envolver não somente as instituições de assistência médica, mas também as produtoras de biotecnologia. O impacto das intervenções em saúde pública depende de sua cobertura, pois é preciso que os resultados cheguem a todos. E essa cobertura requer capacidades produtivas próprias. O Brasil tem algumas, Cuba tem outras. Juntos, teremos muito mais.

REDE CÂNCER – Como vê a atuação do Brasil no controle do câncer?

AGUSTÍN LAGE DÁVILA – Nos últimos anos, o Brasil começou a liderar um movimento de integração latino-americana na luta contra o câncer. Especialmente com Cuba, a parceria brasileira já obteve êxito na área de produtos biotecnológicos para o controle de câncer. Projetos em colaboração com a Fiocruz incrementaram o acesso dos pacientes brasileiros

a produtos de alta tecnologia, gerando resultados muito positivos. Agora, com o INCA, o objetivo é implementar uma estratégia integral e envolver a participação de diferentes atores brasileiros e cubanos: institutos de câncer, que atendem pacientes e traçam políticas, indústria farmacêutica e agências reguladoras – cada um com seu papel específico, seguindo as mesmas metas.

REDE CÂNCER – Quais os objetivos e as prioridades da parceria?

AGUSTÍN LAGE DÁVILA – O objetivo geral é muito claro: reduzir a taxa de mortalidade por câncer, em escala populacional, nos dois países. As prioridades estão sendo discutidas. Sem dúvida, uma delas será o esforço para que os produtos de biotecnologia cheguem a todos que precisem. A biotecnologia tem importância crescente no enfrentamento do câncer: os produtos antitumorais – anticorpos e monoclonais, vacinas terapêuticas, entre outros – de baixa toxicidade podem transformar o câncer avançado em doença crônica. Transformar um prognóstico fatal de curto prazo em uma situação controlada é uma vitória: garante ao paciente mais tempo de vida, com melhor qualidade.

REDE CÂNCER – Como essa colaboração funcionará na prática?

AGUSTÍN LAGE DÁVILA – Estamos em uma fase preliminar, identificando parcerias e criando canais de comunicação. No Brasil, temos trabalhado com o INCA, a Fiocruz, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e diversas empresas farmacêuticas. Em Cuba, participam a Unidade Nacional de Controle do Câncer, do Ministério de Saúde Pública, o Instituto Nacional de Oncologia, o Hospital



Clínico e Cirúrgico Hermanos Ameijeiras, o Centro para Controle Estatal da Qualidade de Medicamentos e diversos centros de biotecnologia, sobretudo o Centro de Imunologia Molecular e o Centro de Engenharia Genética e Biotecnologia.

REDE CÂNCER – *No início do ano, o senhor recebeu do governo chinês o Prêmio de Cooperação Internacional em Ciência e Tecnologia, concedido a poucos pesquisadores estrangeiros. Qual a importância desse reconhecimento?*

AGUSTÍN LAGE DÁVILA – Na edição de 2010, sete pesquisadores de diferentes nacionalidades foram contemplados. Tive a honra de estar presente nesse seleto grupo e receber o prêmio das mãos do presidente Hu Jintao. O reconhecimento é importante, mas não o interpreto como uma conquista pessoal. Esse é um prêmio concedido a um grande grupo de pesquisadores e engenheiros cubanos que trabalharam na China nos últimos quatro anos na investigação de produtos biotecnológicos para o controle do câncer. Eu o recebo somente em representação a esses profissionais, que são os verdadeiros protagonistas dessa história. A conquista do prêmio reflete a importância da cooperação internacional para o enfrentamento do câncer. O trabalho foi desenvolvido por uma empresa mista sino-cubana, sediada em Beijing e criada para investigar e produzir um tipo de produto terapêutico para o controle do câncer, definido como anticorpo monoclonal humano. Essa instituição foi a primeira da China dedicada a esse objetivo, que se tornou possível graças à colaboração cubana. Atualmente, os produtos desenvolvidos por ela chegam a milhares de pacientes chineses, com diferentes tipos de tumor.



“A conquista do prêmio reflete a importância da cooperação internacional para o enfrentamento do câncer”

REDE CÂNCER – *Qual o impacto científico do trabalho premiado?*

AGUSTÍN LAGE DÁVILA – Nosso sangue contém milhares de anticorpos diferentes, produzidos especificamente por uma infinidade de células. Um anticorpo é monoclonal quando provém de uma única célula, selecionada e expandida em laboratório. Essa tecnologia permite obter um anticorpo muito puro e altamente reprodutível, capaz de manter suas características preservadas. Isso significa que podemos reproduzir sempre o mesmo anticorpo. Em Cuba, começamos a trabalhar com um anticorpo monoclonal chamado Nimotuzumab, que reconhece um receptor na superfície das células tumorais associado à divisão celular. Ao bloquear esse receptor, o anticorpo inibe a divisão celular e impede o crescimento do tumor. Esse anticorpo monoclonal já foi registrado no Brasil e é utilizado, sobretudo, em tumores de cabeça e pescoço. Atualmente, estamos expandindo seu uso também para o tratamento de câncer de esôfago. Nos próximos meses, obteremos resultados de pacientes brasileiros que nos permitirão confirmar a evidência do aumento da sobrevivência de pessoas tratadas com essa substância. Como o Nimotuzumab é um produto de baixíssima toxicidade, acreditamos que poderá ser utilizado pelo mesmo paciente ao longo de muitos anos. A administração crônica desse anticorpo, no entanto, ainda está em estudo. |